



SACHS, Cláudia Müller. **Questões de tradução do livro *O corpo poético de Jacques Lecoq: ganhos e perdas***. Florianópolis: UDESC. UDESC; doutorado em teatro; Edécio Mostaço. Bolsista Capes. Atriz, professora e diretora.

RESUMO

O artigo é um estudo crítico sobre a tradução de alguns dos termos-chave do livro "*Le corps poétique*" (1997) de Jacques Lecoq lançado somente em 2010 em português brasileiro, um ganho quanto ao acesso que ele propicia a esse conhecimento pouco difundido no Brasil. Entretanto, destaca-se os termos "*jeu e rejeu*", oriundos da antropologia de Marcel Jousse que estão relacionados ao seu conceito de *mimismo*, que se refere à tendência do indivíduo de absorver aquilo que o circunda com todo seu corpo e mente, para vir a expressá-lo quando se apresentar uma situação propícia, que ele chamava "*rejeu*". A opção do tradutor pelas palavras "interpretar e reinterpretar" modifica bastante o sentido do que Lecoq propunha. Jogo e "rejogo" são noções fundamentais que embasam a relação com a mímica em sua pedagogia, que parte da observação do cotidiano e da natureza em busca da dinâmica interna do sentido e não da imitação da forma como bases para o movimento do ator. Esses termos estão relacionados à recuperação do instinto infantil, à disponibilidade em relação à expressão do corpo em movimento e ao prazer, antes, justamente, de passar por qualquer julgamento ou interpretação.

Palavras-chave: Lecoq; jogo; corpo; poético; tradução.

ABSTRACT

The article is a critical essay about the translation of some of the key-terms in the book "*Le corps poétique*" (1997) of Jacques Lecoq, launched only in 2010 in Brazilian Portuguese, a major gain considering the access it provides to this poorly known knowledge in Brazil. Nevertheless, attention is drawn to the terms "*jeu and rejeu*" from the anthropology of Marcel Jousse related to his concept of *mimism*, which refers to anyone's tendency to absorb whatever surrounds him with all his body and mind, in order to express it whenever a proper situation appears, which he called "re-play". The option of the translator for "interpret and reinterpret" changes significantly the meaning Lecoq proposed. Play and "replay" are fundamental notions that grounds the relationship with mime in his pedagogy, which begins with the observation of day-by-day life and nature in search of the internal dynamics of meaning and not of the imitation of the form as basis for the actor's movement. These terms are related to recovering the child's instinct, the availability concerning the expression of the body in movement and the pleasure, before, precisely, going through any judgement or interpretation.

Key-words: Lecoq; play; body; poetic; translation

Jacques Lecoq (1921 – 1999) defendia a prática teatral acima de tudo, não era dado aos textos escritos. Em vista disso, não deixou muitos registros

de sua pedagogia por seu próprio punho. Entretanto, aceitou registrar sua visão de teatro e a condução dos trabalhos em sua escola através de entrevistas realizadas por Jean-Gabriel Carasso e Jean-Claude Lallias no livro intitulado *Le corps poétique – un enseignement de la création théâtrale* publicado em 1997, pouco antes de seu falecimento em Paris. Desde seu lançamento, o livro foi traduzido em diversas línguas, mas somente no ano de 2010 foi publicado no Brasil.

Um ganho significativo para nossa cultura que finalmente teve acesso a esse conhecimento, antes só difundido por ex-alunos da *École Internationale de Théâtre Jacques Lecoq*. Entretanto, identifico na tradução para o português brasileiro uma escolha equivocada de alguns termos que vale a pena rever, especialmente no que tange os termos que em francês o professor usa *jeu* e *rejeu* e que foram traduzidos por *interpretação* e *reinterpretação* respectivamente.

Provenientes dos estudos de antropologia de Marcel Jousse (1886-1961), *jeu* e *rejeu*, literalmente traduzidos por *jogo* e *rejogo*, são termos que referem-se à ideia de *mimismo*, aquilo que é considerado como a força específica dos humanos (que ele se refere como *Anthropos*), o fundamento de sua expressão inata e espontânea que existe em nós. Segundo o autor, desde criança o ser humano aprende à partir da absorção de tudo o que o rodeia que depois ela colocará em ação a partir de sua própria compreensão. Trata-se de uma tendência humana, uma conduta pela qual o indivíduo reage às ações que as coisas que o cercam exercem sobre ele refazendo-as à sua maneira, no mecanismo que ele chamava de “rejogo”.

Para o antropólogo, que declaradamente influenciou Lecoq, o homem é feito de maneira tal que registra tudo o que o circunda, imprime o universo que o rodeia em si, para depois expressá-lo, rejogá-lo. Essa tendência é que faz com que a criança “*rejoue*” (refaça) espontaneamente os sons, os movimentos, os gestos de seu universo. A reprodução ou a repetição, pode ser inibida, mas o certo é que aquilo que havia sido visto e gravado permanece disposto a ser reproduzido. É um conhecimento que permanece impresso no corpo todo, que é de alguma maneira inteligente e expressa pensamento, visto que o homem memoriza com todo ele. Ainda conforme Jousse, a expressão humana acontece primeiramente com o corpo em sua totalidade, como um mimetismo global. Por conseguinte, a verdadeira expressão corporal não consiste em fazer exercícios de braços e pernas para exercitá-los, senão em exercitar todo o corpo para expressar a realidade que o indivíduo carrega em si.¹

O termo “gesto”, para Jousse, abrange tudo o que pode ser registrado pelos sentidos. O pensamento não é nada mais do que a tomada de consciência desses gestos registrados, de suas aplicações, suas imbricações, suas transposições, suas inibições. O pensamento e a ação são gestuais, um microscópico e outro macroscópico². Dizer antropologia do gesto é o mesmo que dizer antropologia do mimismo, segundo esse estudioso. Para ele, educar uma criança é deixá-la explorar o mundo, entrar em contato com a realidade ao seu redor, interagir com ela para que em

1 Jousse in Fomont, 1981. Tradução nossa.

2 Da página acesso em 11.11.11

seguida passe a expressar o que recebeu: é permitir-lhe desenvolver o mimismo de seu espírito por um lado, por outro seu corpo e por outro ainda sua memória, sua linguagem, sua imaginação. O elemento essencial do cosmos é, de acordo com Jousse e com base em Henri Bergson(1959-1941), uma ação que age sobre uma outra ação, e tudo que nos rodeia é, conforme os físicos, essencialmente energia. Esta energia não é difusa e estática, mas primordialmente dinâmica, cristalizada em interações universais.

Influenciado por estes pensadores, Lecoq incitava os alunos à observação da natureza e de suas manifestações como pontos de partida para a compreensão de diferentes dinâmicas que ele deve trazer para o movimento de seu próprio corpo e da cena teatral. O mestre considerava o ato de mimar como um grande ato, que se inicia na infância, quando a criança *mima* o mundo para lhe reconhecer e integrar, no mesmo sentido de mimismo que Jousse preconizava. Ao invés de usar a palavra mímica, o professor utilizava o termo mimismo: “o termo mímica, hoje em dia, é tão redutivo, que se torna necessário encontrar outros. É por isto que utilizo o termo “mimismo”, bem esclarecido por Marcel Jousse em seu livro *Antropologie du geste*.”³ Lecoq entendia o ato de mimar como um modo de conhecimento, não uma questão de aprender a arte da mímica em si, mas utilizava-a como uma ferramenta para desenvolver maior consciência, limpeza e economia nos gestos.

A improvisação é um dos pilares fundantes de seu ensinamento. É através dela que o ator vai aprender a jogar com o outro, com os objetos da cena, vai dispor seu corpo no espaço com uma preocupação plástica, enfim, é a maneira como vai criar o seu teatro. Tanto é assim, que em seu livro Lecoq inicia o capítulo sobre improvisação esclarecendo esses dois conceitos que embasam toda sua visão de teatro e arte. Em sua pedagogia, inicia-se improvisando cenas cotidianas como, por exemplo, uma sala de aula, um mercado, uma viagem de metrô, a entrada numa igreja, sem nenhuma transposição, sem exagero, procurando reproduzir simplesmente a movimentação e relação entre as pessoas em silêncio. Esse é considerado o “rejogo”, uma expressão daquilo que conhecemos e lembramos desses ambientes e situações. No segundo momento, entramos no *jogar*: O que pode acontecer ali? Como nos comportamos em tal situação? Como olhamos os outros presentes, o que pode vir a acontecer ali? Entramos no lúdico, no querer “brincar” com os outros, em fazer os colegas responderem de alguma maneira a uma proposição. Estabelecemos outros ritmos, outra duração, outra utilização desse espaço levando em conta que existe um público para assistir. “O jogo pode ser bem próximo do rejogo ou afastar-se dele em proposições teatrais mais audaciosas”⁴.

Sendo assim, pode-se perceber a distância na concepção subjacente aos termos utilizados por Lecoq e as palavras reinterpretação e interpretação usadas na tradução em português intitulado *O corpo poético – uma pedagogia da criação teatral*. Interpretar, no dicionário Houaiss⁵, significa

3 Lecoq, 1997:33

4 Lecoq, 1997:41

5 Houllis, 2001:1637

determinar o significado preciso de algo, dar sentido a, traduzir, explicar o que é obscuro, representar, atuar, entender, julgar. Reinterpretar, conseqüentemente, sugere tornar a interpretar. Em nenhum momento aparece a acepção de jogo, de lúdico, de naturalidade da criança, de espontâneo, de fazer com o corpo, de divertir-se, noções fundamentais na pedagogia de Lecoq.

Outra questão delicada da referida tradução refere-se ao verbo *mimer* que não tem um equivalente em nossa língua, mas que foi apresentado no livro brasileiro como *fazer mímica*. Recém comentado acima, o professor deliberadamente evitava a palavra mímica, justificando, portanto, um cuidado com a utilização de tal termo. No meu entender, é preferível usar a palavra *mimar*, por exemplo, mesmo que implique em um neologismo, mas procurar manter-se o mais perto de sua procedência, ou pelo menos informar a palavra original.

Compreendemos a dificuldade da tradução desses termos, uma vez que em português nem mesmo utilizamos a palavra *jogar* para falar do fazer do ator, mas atuar, representar e sim, interpretar. Muita discussão já foi feita sobre qual o melhor termo para designar aquilo que fazem os atores, sendo que aparentemente seria a palavra *atuar* a que mais se aproximaria. Defendo a utilização da palavra *jogar*, utilizada em outras línguas como o francês o inglês, o alemão, o espanhol, por exemplo, que alia o entendimento do prazer e do lúdico, características essenciais para o teatro no meu entender, notadamente influenciada por Lecoq também. Além disso, nada justifica uma explicação errônea em nota de roda-pé⁶, como aquela que aponta que “Copiaux” foi um “experimento de Copeau de levar teatro com meios simples a audiências interioranas francesas”, quando, na verdade, é o nome como chamava-se o grupo de atores que trabalhavam com Copeau.

Usar deliberadamente essas palavras na tradução do livro, sem nem sequer uma nota de roda-pé justificando tais escolhas me parece uma atitude leviana, uma vez que se trata de um ponto medular da pedagogia de Lecoq e que pode causar desvios no entendimento de quem pretende conhecê-la por esse meio. Na verdade, como mencionei acima, Lecoq sempre foi avesso ao conhecimento adquirido dessa maneira, enfatizando sempre a necessidade do experimento corporal prático no que tange o fazer teatral, tanto que nem aprovava que os alunos tomassem notas durante ou mesmo logo após as aulas. Ainda assim, é uma questão de respeito e cuidado com seu legado, que cabe apontar.

Bem sabemos que tradução é uma questão bastante complexa, implica em escolhas baseadas numa interpretação do que o autor quer dizer. Isto posto, considero de fundamental importância que ela passe por uma revisão de alguém da área, e ainda, nesse caso especificamente, alguém que tivesse feito a escola. Se por um lado ganhamos com a publicação do livro no Brasil, perdemos com falta de cuidado com as nuances da visão de teatro e de arte preconizada por Jacques Lecoq.

FROMONT, Marie-Françoise. *El mimetismo en el niño: la antropología de Marcel Jousse y la pedagogía*. Barcelona: Editorial Herder, 1981.

HOUAISS, Antonio e Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LECOQ, Jacques. *Le corps poétique. Un enseignement de la création théâtrale*. Paris: Actes Sud-Papiers/ANRT, 1997.

_____. *O corpo poético. Uma pedagogia da criação teatral*. São Paulo: Ed.Senac, 2010.

JOUSSE, Marcel. *L'anthropologie du geste*. Paris: Gallimard, 1974.